

— Sim, Madame! Mas é bem bom que ainda haja homens como eu. Quanto à senhora, tem o que merece, ninguém a quer.

Hilda levantara-se e aproximara-se da porta. Mellors também levantou-se e tirou o paletó do gancho.

— Poderei muito bem ir sozinha, disse ela.

— Duvido, respondeu Mellors.

Voltaram pelo mesmo caminho, numa fila grotesca, em silêncio. A coruja piou na mesma árvore. Encontraram o automóvel úmido do orvalho. Hilda tomou assento e pôs o motor em movimento.

— Tudo que tenho a dizer, declarou ela antes de partir, é que duvido muito que isto acabe bem.

— O que para uns é regalo, para outros é veneno, replicou Mellors; mas para mim é pão e vinho.

Hilda acendeu os faróis.

— Não me faça esperar amanhã, Connie.

— Não. Estarei pronta na hora. Adeus!

O auto seguiu lento até à estrada e lá chispou à toda.

Timidamente Constance tomou o braço do guarda e puseram-se a andar. Ele nada dizia. De súbito Constance o deteve.

— Beije-me! disse.

— Não! Espere um pouco. Deixe que me acalme.

Constance riu-se, e sempre pendurada no braço do amante, apressou a volta para a casinha, sem dizer coisa nenhuma.

Sentia-se feliz de estar com ele, e arrepiava-se ao pensamento de que Hilda poderia tê-lo arrancado de si. Mellors conservava-se no seu silêncio impenetrável.

Ao verem-se de novo na casinha, Constance deu saltos de alegria de estar livre da irmã.

— Mas você foi cruel com ela! disse-lhe.

— Merecia umas tapas.

— Por quê? É tão gentil!

Mellors não respondeu. Cuidava dos arranjos da noite com a maior tranquilidade e precisão de movimentos. Ainda irritado, mas superficialmente e não contra ela. E Mellors, encolerizado, adquiriu uma beleza particular, uma profundidade, um brilho que a deixava derretida por dentro.

Mas Mellors parecia não lhe dar nenhuma atenção. Por fim sentou-se para descalçar os sapatos, e encarou-a, ainda de sobrecenho carregado.

— Não quis subir? Ali tem uma vela.

Constance obedeceu. Tomou a vela e subiu — e ele apalpou-lhe as ancas com os olhos.

Tiveram uma noite maravilhosa de paixão sensual; Constance, um tanto amedrontada, mas ao mesmo tempo arrastada a despeito de si mesma, conheceu vibrações de sensualidade ainda mais fortes que das outras vezes, vibrações diferentes, mais agudas, mais terríveis que as causadas pelo amor-ternura e no momento mais desejáveis. Apesar de um pouco atemorizada, não se opôs a coisa nenhuma — e uma sensualidade sem freios e sem vergonha sacudia-a no mais fundo de si mesma, e a desfez dos últimos véus, revelando nela uma mulher nova. Não era propriamente amor. Não era volúpia. Sim, uma sensualidade aguda e ardente como o fogo, que lhe transformava a alma em brasa.

E esse fogo destruía as mais velhas e profundas vergonhas das suas partes mais secretas. Custou-lhe certo esforço deixar que o amante usasse dela ao sabor dos seus caprichos, reduzindo-a a simples coisa passiva, complacente como uma escrava — como uma escrava física. Mas a paixão a devorava com suas chamas consumidoras e quando a violência dessas chamas alcançou o mais íntimo de suas entranhas, realmente julgou estar morrendo — embora da mais maravilhosa das mortes.

Muitas vezes Constance perguntara-se a si mesma que queria significar Abelardo ao dizer que, durante o seu ano de amor com Heloisa, haviam passado por todos os estágios e por todos os requintes do amor. Agora compreendia tudo. Era aquilo. Aquilo, há mil anos antes! Os requintes da paixão, as extravagâncias da sensualidade! E era coisa necessária para destruir as falsas vergonhas e refinar em pureza o grosseiro minério do corpo.

Quanto não aprendeu nessa noite de outono! Se lho contassem, teria admitido ser coisa de matar uma mulher de vergonha — mas na realidade o que morreu foi a vergonha. A vergonha que não passa de medo; a profunda vergonha orgânica, o velho medo físico que se oculta nas raízes do



Como é ruim!
Que é a sedução?